

## **O ENSINO DE FILOSOFIA E A FILOSOFIA DO ENSINO: CENÁRIOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS ATUAIS**

[THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE PHILOSOPHY OF  
TEACHING: SCENARIOS, CHALLENGES AND CURRENT  
PERSPECTIVES]

Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo

*Doutor em Educação, Docente de Filosofia da Educação pela UNICAMP, e professor titular da UNICAMP. É membro de diversas associações científicas do campo de filosofia da educação e presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação.*

*(E-mail: [silvio.gallo@gmail.com](mailto:silvio.gallo@gmail.com))*

Recebido em: 23 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**  
Gallo, Sílvia D. O.

Muito boa noite a todos vocês!<sup>1</sup> É um prazer para mim, uma honra está aqui. Se eu soubesse que ia ser tão bem recebido, tinha vindo na primeira semana, mesmo sem terem me convidado. Obrigado pelo carinho de vocês e espero não decepcionar demais com as besteiras que eu vou dizer para vocês nesta noite.

Quero agradecer ao convite aqui nesta semana, especialmente à Prof. Reilta que, lá no México, a quase dois anos conversou comigo sobre a possibilidade dessa vinda e estou muito contente que deu certo, que possa estar aqui com vocês. O Brasil é um país imenso e a gente ... eu pelo menos, embora ande bastante, quanto mais ando, mais descubro que conheço muito pouco do nosso país. Então, é uma honra poder estar aqui pela primeira vez no interior do Rio Grande do Norte que eu já conhecia a capital, mas nada desse imenso interior!! Vejo em minhas andanças se descortinar coisas maravilhosas por esse Brasil tão imenso. Muito obrigado pelo convite e pela recepção de todas as pessoas do Curso de Filosofia aqui de Caicó.

Esse tema, “O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais”, o tema dessa conferência, que é também o tema da Semana, é extremamente oportuno frente ao quadro que nós estamos vivendo. Vocês sabem que nós discutimos durante muitos anos a necessidade da introdução da Filosofia como uma disciplina obrigatória do ensino médio. Muitas pessoas lutaram muito fortemente para que isso fosse possível. Muitos de nós dedicamos partes de nossas vidas para discutir, para trabalhar essa questão, e conseguimos finalmente que em 2008 um Governo se sensibilizasse por essa demanda e aprovasse uma substituição na Lei de Diretrizes e Bases da Educação depois de algumas outras tentativas frustradas. E agora, nesse ano de 2016, quando estamos completando oito anos, portanto, da introdução da Filosofia como disciplina obrigatória, verificamos que estar em marcha uma nova proposta de reforma do Ensino Médio, uma reforma que não foi discutida, não foi trabalhada, não foi debatida com a sociedade e que tem sido apresentada por comerciais de TV maravilhosos, que vocês certamente devem ter visto. Tais comerciais asseguram que essa reforma irá deixar os nossos jovens estudantes do ensino médio muito felizes. Se os nossos jovens ficarem felizes como os meninos e meninas que aparecem na televisão, isso vai ser muito interessante, mas eu tenho seguras dúvidas se isso de fato vai acontecer.

---

<sup>1</sup> Conferência proferida na VII Semana de Filosofia do Campus Caicó, em 06/12/2016.

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvia D. O.

Então os desafios que nós temos para ensino da filosofia são muitos e são grandes!! Venho afirmando nos últimos anos, que depois de décadas lutando para que a filosofia fosse implantada, quando a gente conseguiu a implantação da disciplina no ensino médio, o nosso desafio ficou ainda maior porque aí a filosofia tem que mostrar a que veio. Uma coisa é a gente tentar convencer a sociedade de que é importante ter aula de filosofia no nível médio de ensino, outra coisa é nós termos essa oportunidade e termos que oferecer um ensino de filosofia significativo em cada lugar do Brasil, porque não basta oferecer um bom ensino de filosofia em uma, duas, dez, dez mil escolas, nós temos que fazer um bom ensino de filosofia em todas as escolas de ensino médio do Brasil.

Esse desafio é um desafio imenso, mas agora nós somos atravessados de novo pelo desafio de termos que convencer novamente a sociedade de que a filosofia é uma disciplina importante, a filosofia precisa estar no ensino médio e nós temos que justificar de novo essa presença, temos que lutar de novo para que a filosofia permaneça. Nesse quadro eu concordei em recortar um pouco o tema e falar de algumas coisas que acho que fazem mais sentido para nós do que traçar um quadro possivelmente sombrio e muito pessimista, por que como a gente tem visto determinados atos desse Governo Federal, é muito provável, que essa reforma do ensino médio seja aprovada da forma como ela foi encaminhada para o Congresso Nacional, e é muito provável que a gente tenha senão uma ausência de novo da filosofia no currículo, pelo menos uma sensível diminuição da presença da filosofia no currículo, sob esse argumento que pode parecer interessante num primeiro momento, que é o argumento da divisão, da separação em áreas.

Desse modo, quem optar por uma concentração da formação do ensino médio na área de humanas, certamente vai ter algum contato com a filosofia, mas quem optar por outras áreas, talvez não tenha esse contato com a filosofia, e é aí que está o grande problema do meu ponto de vista, por que a filosofia precisaria está presente na formação de todos os jovens brasileiros e não apenas na formação daqueles que vão se dedicar ao campo das Ciências Humanas, a área das Ciências Humanas. Então, penso que esse é uma das nossas grandes questões hoje, mas sinceramente, eu não tenho um quadro muito otimista para apresentar para vocês! Assim, para não ficar aqui na mesa chorando, uma possível perda da filosofia, eu preferi entrar no tema do ensino da filosofia, a filosofia do ensino, recortando um aspecto desse tema que vai de algum modo dialogar com o que eu vou trabalhar com vocês amanhã à tarde no minicurso que teremos dentro da programação. Como o minicurso

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**  
Gallo, Sílvia D. O.

amanhã tem por tema “O Ensino da Filosofia” e eu vou procurar trabalhar mais diretamente a questão do que significa ensinar filosofia na educação média, como ensinar filosofia na educação média, eu resolvi hoje explorar o tema do aprender em filosofia e dei um título que é uma pergunta: “O que significa aprender em Filosofia?”. Porque se a gente vai ensinar filosofia a gente precisa saber o que significa aprender em filosofia e aí espero que com isso a gente consiga fazer um debate, um diálogo, mais filosófico e que nos deixe mais motivados, mais para cima do que se a gente ficasse discutindo os desafios que nós temos que enfrentar e as perspectivas que não parecem ser tão boas hoje.

Tentando começar por essa direção, tenho aqui algumas notas que vou apresentar para vocês e acho que ao final a gente tem um tempo para o debate. Vou aqui tentar expor, explorar, algumas ideias e fico depois à disposição de vocês para dialogarmos, debatermos, para vocês oferecerem contraposições, é isso que vou oferecer, assim por diante, no final das contas é essa a atividade da filosofia. Mas, começo então tentando caracterizar um pouco o que significa perguntar, o que significa aprender. Será que nós temos clareza sobre o aprender? Será que nós não naturalizamos o que significa aprender? Será que nós não pensamos que tudo aquilo que é ensinado é aprendido? Sobretudo dentro desse quadro da Pedagogia Moderna, da Pedagogia Contemporânea muito influenciada pela Psicologia que criou num determinado momento, essa expressão que a gente vê em muitos livros, em muitos textos “ensino-aprendizagem”, como se ensino e aprendizagem fossem duas coisas absolutamente unidas e que não pudessem ser separadas. O que significa que quando alguém ensina, necessariamente, alguém aprende e que alguém só aprende quando um outro ensina.

Então, para tentar desnaturalizar um pouco essa ideia é que quero oferecer a vocês algumas ponderações em torno dessa questão do aprender. Problematizando o aprender. O que significa o aprender? E especificamente, o que significa aprender em filosofia? Ou, ainda, o que que significa aprender filosofia? E começo com uma primeira resposta! Primeiramente, alguns elementos de uma possível resposta, eu diria que, aprender em filosofia, em princípio, significa o mesmo que aprender em qualquer outra disciplina do pensamento, há uma noção geral do aprender a qual a própria filosofia se adequa. E aí tento explorar um pouco isso a partir de alguns elementos de um dos filósofos com os quais trabalho, que frequento, estudo que é o filósofo francês Gilles Deleuze, que numa obra do final da década de 1960 intitulada *Diferença e Repetição*, afirma que aprender é uma passagem viva do não saber ao saber. Vejam que uma pergunta direta do que significa aprender, temos aí uma resposta bem direta

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

também. Aprender é uma passagem viva do não saber ao saber, alguém não sabe e passa a saber. Esse movimento do não saber ao saber é justamente o aprender. O que significa que o aprender é, portanto, uma passagem de um estado de não saber a um estado de saber, é uma passagem de uma condição à outra, é uma ação, e é uma ação que se faz num determinado tempo.

Percebam que há um tempo do aprender! Abrimos parênteses ou uma nota de rodapé se assim vocês preferirem: um romancista francês contemporâneo chamado Daniel Bernard, tem um livrinho maravilhoso que eu indico que todo professor deveria ler, que tem um título absolutamente desinteressante aqui no Brasil, que é *Caderno de Escola*, mas o título desse livro do Daniel Bernard, em Portugal, é mais próximo do título original em francês *Mal de Escola*, título dele em francês *Douleur Scolaire*. É alguma coisa que a gente poderia traduzir como “dor de escola”, “sofrimento de escola”, “doença de escola”, qualquer coisa parecida com isso. E é um texto muito interessante porque o Daniel Bernard que é um romancista consagrado, ganhou vários prêmios na França, ele foi professor, hoje é aposentado, está aposentado, mas ele foi professor de Língua Francesa em escola básica durante muitos anos e numa entrevista, inclusive, ele brinca que ele gosta tanto da escola, que depois que se aposentou, comprou um apartamento cujo janela dá para o pátio de uma escola de crianças na França, porque assim ele ouve o tempo todo os ruídos da escola. E nesse livro que eu estou comentando com vocês que aqui no Brasil tem o título *Caderno de Escola*, ele faz uma série de narrativas sobre sua experiência com a escola, então a partir de sua experiência como estudante e sua experiência como professor durante toda uma vida, o mesmo afirma: “Eu fui uma criança problema, isso que é caracterizado como uma criança problema, como um aluno problema, mas, fui salvo! Ele usa exatamente essa expressão, “fui salvo” por alguns professores que prestaram atenção em mim! Eu tinha tudo para dá errado na escola, eu tinha tudo para ter sido um aluno que não aproveitava, que não aprendia o ensino, que não passava de ano e etc; mas, um ou outro professor prestou atenção em mim e me ofereceu a mão e foi por esses professores que eu aprendi e me tornei professor. E tendo me tornado professor, eu fiz questão de me colocar na profissão docente para fazer o mesmo que esses professores fizeram por mim. Para prestar atenção nessas singularidades que estão na escola, nessas crianças que passam muitas vezes obscurecidas pelos bancos escolares e que os professores reprovam sem sequer pensar no que significa a reprovação para uma criança, para um jovem que está ali dedicando a sua vida à escola”.

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvia D. O.

Estou falando demais sobre isso, desculpem-me!! Era só uma nota de rodapé, mas, estou dizendo isso porque quero fazer essa afirmação: existe um tempo do aprender, e o Daniel Bernard também chama esse tempo do aprender de “presente de encarnação”. Ele é professor de Língua Francesa, lida com todas ou com muitas questões dos tempos verbais e ele inventa esse “presente de encarnação”. Segundo ele, é o tempo do aprender, que ele diz assim: “Bem, eu estou lá sentado numa carteira assistindo a aula, ouvindo o professor, recebendo uma série de informações que não fazem sentido para mim, mas, de repente, aquilo passa a fazer sentido. É como se eu me encarnasse, meu corpo se encarnasse no presente da sala de aula e aí eu aprendo, mas, quando eu não consigo me encarnar no presente da sala de aula eu não aprendo.” Então, ele inventa essa ideia do presente de encarnação como sendo o tempo da escola ou o tempo do aprender, e acho que isso tem tudo a ver com as considerações que a pouco eu trazia à tona, do Deleuze, de que o aprender é uma passagem viva do não saber ao saber.

Daniel Bernard nos dá elementos para pensar isso um pouco mais a fundo. Mas, voltando ao Deleuze, então, o aprender é esse ato, é esse movimento, é essa ação que se faz num determinado tempo, que não é um ato qualquer, não é uma passagem qualquer, ele chama de passagem viva e não é por acaso que ele fala em passagem viva. Ele poderia simplesmente dizer: “é uma passagem do não saber ao saber”, mas, não é assim que ele se expressa. Ele diz: “é uma passagem viva”, porque será que Deleuze utiliza essa expressão passagem viva? Justamente porque para o Deleuze, o aprender é uma espécie de *acontecimento*, o aprender é um *acontecimento* no pensamento, entendendo o pensamento como algo encarnado, algo que se produz no corpo de cada um de nós. O *acontecimento* é algo que se vive, é algo que se experimenta, é algo que se experiencia, e sendo *acontecimento*, portanto, o tempo do aprender não é um tempo cronológico, o tempo do relógio com o qual nós estamos acostumados a lidar, mas, o tempo do aprender é o tempo do *acontecimento* que Deleuze usa a expressão grega *aion* para intitular o tempo do *acontecimento*. É o tempo do presente vivido, é um tempo que não pode ser medido, que não pode ser quantificado, é o tempo da experiência, é o tempo que o artista tem quando está no palco, por exemplo. É como se ele – o artista - vivesse a eternidade naqueles minutos ou naquelas horas em que ele está no palco e esse é também o tempo do aprender enquanto *acontecimento* se a gente segue essa caracterização do Deleuze.

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**  
Gallo, Sílvia D. O.

O aprender, portanto, é uma experiência que se faz no pensamento, no interior do próprio pensamento, e é uma experiência do pensamento; o aprender é uma experiência de si sobre si mesmo! Agora estou fazendo referência a outro filósofo que eu frequento e que vocês devem conhecer bastante que é o Foucault. Para Foucault, o aprender é uma experiência de si sobre si mesmo. Ainda voltarei a isso depois, mas, o aprender é uma experiência sobre si mesmo que se faz sempre na relação com o outro. Aprendemos na relação com o professor ou na relação que acontece na leitura de um texto, ou na leitura de um livro, mas, sempre na relação com outro. Aprende-se sempre com algo ou com alguém, mas, também como afirma Deleuze, a gente não aprende com aquele que diz: “faça do jeito que eu faço”, a gente aprende com aquele que nos convida a fazer junto. Aqui lembro mais um filósofo francês chamado René de Chartier que cunha uma expressão em Latim *co-ire*, a qual seria a tradução “ir junto”, para falar de educação, para falar de aprendizado. A gente aprende quando caminha junto, quando a gente vai junto com o outro, quando faz alguma coisa junto com o outro. Então, vejam que seguirmos um pouco esse caminho que estou tentando aqui esboçar alguns elementos para vocês, para que possamos pensar sobre o que é o aprender, pois que aprender não é simplesmente assimilar alguma coisa, não é simplesmente ouvir uma aula, ler um texto, a gente precisa ouvir a aula, ver a aula, ler um texto, mas o aprender não é só isso, o aprender é quando a gente entra no movimento do próprio pensamento e faz o movimento junto com o professor, junto com o texto, junto com o vídeo, junto com alguma coisa, algum elemento que está sendo colocado nessa relação intrínseca.

O aprender, portanto, é a construção de um caminho coletivo, no qual todos os sujeitos que estão envolvidos implicam-se! Não podemos falar em aprender sem uma implicação dos sujeitos que estão envolvidos nesse processo. Um elemento mais que acrescento nessa exploração, enquanto passagem, é que o aprender é um ato de criação. Vocês vão achar um pouco estranho o que vou dizer agora, mas é isso mesmo, é isso mesmo que eu quero defender! Aprender não é repetir, talvez a gente até aprenda quando repete alguma coisa. Então aquela história do professor mandar escrever cem vezes uma palavra no caderno, por exemplo, como castigo, ela pode ter o efeito de fazer você acabar aprendendo aquela palavra pela repetição, mas o aprender não é repetição em si mesmo, o aprender pode ser resultado da repetição, mas, ele não é a repetição! Quando a gente aprende está criando algo novo, pelo menos está criando algo novo para a gente que aprende. Aprender é

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvia D. O.

necessariamente fazer por si mesmo, é vivenciar essa passagem do não saber ao saber. Se o aprender é a passagem viva do não saber ao saber nós precisamos vivenciar, nós precisamos viver essa passagem. É essa a experiência do aprender. Portanto, o aprender é mais a criação de um saber do que a chegada a um saber que já estava estabelecido antes.

Bom, vocês estão vendo que se a gente entra nessa linha que estou propondo, algumas coisas vão ficando complicadas. O que que fica complicado por exemplo?! Fica complicado pensar em avaliação de larga escala, que é um dos ícones da educação contemporânea. Hoje pela manhã quando estava indo para o aeroporto, ouvia na rádio um sujeito que ia comentar o problema da educação no Brasil. Por sorte cheguei rápido, estacionei o carro, desliguei o rádio e não pude ouvir o que o sujeito ia dizer sobre a situação da educação no Brasil, nem lembro quem era. Mas, o que vai falar sobre a questão da educação no Brasil e vai nos mostrar o problema da educação no Brasil é a nossa posição no PISA, por exemplo, que é uma dessas avaliações internacionais. Vemos o tempo todo a análise da educação no Brasil partir dessa questão de que a gente sai mal na foto quando vê o resultado do Brasil nas avaliações de larga escala, e confesso para vocês que eu bato palmas todas às vezes que vejo a posição ruim do Brasil nessas avaliações de larga escala. Penso que quanto pior nós estivermos, melhor nós estaremos, porque essas avaliações são avaliações escandalizadas, padronizadas que implicam que todo mundo repita a mesma coisa. Ir mal nesse tipo de avaliação, do meu ponto de vista, é uma maravilha, que ótimo que a gente está mal! Espero que fiquemos ainda pior, mas espero que sejamos capazes de inventar outras coisas. Infelizmente, as pessoas que estão no Ministério da Educação hoje são pessoas que defendem com unhas e dentes a necessidade de que o Brasil melhore as suas posições no ranking do Ministério da Educação. Não é por acaso, que estou dizendo isso, pois muitas pessoas são lá do meu Estado de São Paulo, um Estado que é governado pelo mesmo partido há vinte anos, e que tem uma das piores educações públicas do país. Uma das melhores coisas que aconteceu no Estado de São Paulo, nos últimos vinte anos, foi o fato dos estudantes terem ocupado escolas no ano passado. Essa ocupação mostrou para nós brasileiros que é possível fazer alguma coisa pela educação e quem mostrou para nós que é possível fazer alguma coisa com a educação foram os jovens que ocuparam as escolas que o governo de São Paulo queria fechar.

As pessoas que estão no Ministério da Educação hoje são pessoas ligadas a esse governo do Estado de São Paulo, que defendem uma perspectiva privatista da educação e



**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

que defendem uma educação alinhada com os princípios do Banco Mundial e das avaliações de larga escala. Então, essa é a direção política que está sendo dada para a educação no país e o que quero defender aqui com vocês é justamente a contramão dessa direção política que vem sendo dada. Bom, eu diria então fechando esses parênteses, que nas disciplinas em geral, mas, também na filosofia em particular, nós vemos muito mais reconhecimento e muito menos aprender nesse sentido que estou aqui considerando. Nós vemos muito mais repetição e não aprender. Nós vemos repetição sem qualquer passagem como se fosse um eterno retorno ao mesmo, como se nós na sala de aula entrássemos numa espécie de *loop* no pensamento que volta sempre ao mesmo e repete, repete, repete... que é incapaz de criar, incapaz de exercitar, é incapaz de experimentar, é incapaz de fazer, efetivamente, essa *passagem* do não saber ao saber. E aí tomo a liberdade de citar para vocês dois filmes, um bem antigo que a maioria de vocês aqui provavelmente não conhece e outro que talvez vocês tenham visto.

O primeiro filme é da década de 1980, compõem aqueles filmes que são da minha geração, tenho uma saudade incrível dos anos 80! Na década de 1980, teve um filme que fez um certo sucesso intitulado “O feitiço do tempo”. Para quem nunca viu, é um filme protagonizado por Bill Murray, esse ator faz um repórter que todo ano tem que ir a uma cidade dos Estados Unidos, que é famosa porque no primeiro dia do inverno uma marmota sai da toca e aquilo que a marmota faz quando sai da toca é uma espécie de previsão de como vai ser o ano seguinte. O título do filme em inglês é justamente “O dia da marmota”, e aqui no Brasil botaram “O feitiço do tempo”, porque o repórter odeia ter que fazer essa reportagem, por que não encontra sentido nessa coisa, acha que é um negócio de caipira, que não faz o menor sentido, que é um absurdo aquilo que se faz naquela cidade. Ele, então, vai completamente a contragosto, mas, é obrigado pela profissão, vai para a cidade para fazer a cobertura do “Dia da Marmota”. Tudo dá errado na vida dele naquele dia: dorme e acorda no dia seguinte no mesmo dia e ele tem que repetir aquele dia, dias e dias a fio. Todo dia ele acorda e está no mesmo dia. Uma espécie de condenação para ele que não queria viver aquele dia. Assim é condenado a repetir aquele dia, a repetir aquele dia, até que um dia acontece alguma coisa, ele faz alguma coisa que o faz conseguir sair daquele dia. Para quem não conhece o filme, embora eu tenha contado o enredo, recomendo que vocês vejam, é superdivertido.

Tem um outro filme bem mais recente, que deve ter passado há uns dois anos mais ou menos, é um filme de ficção científica, esse talvez vocês tenham visto, ele tem como

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvia D. O.

título: “No Limite do Amanhã”, é um filme no qual alienígenas invadem a terra ou qualquer coisa parecida com isso, não lembro exatamente a situação, mas, a gente tem terráqueos lutando contra alienígenas e o que que acontece... os terráqueos sempre perdem, sempre morrem, mas eles descobrem uma forma de reviver aquele dia e aí o personagem do filme, que se não me engano, é o Tom Cruise, o tempo todo vai repetindo aquele mesmo dia até conseguir passar de fase, me parece um vídeo game, repete aquela fase até conseguir passar de fase, vencer o chefe e passar de fase. O filme é bacana também, superdivertido, mas estou lembrando esses dois filmes para vocês para trabalhar com essa questão da repetição. O que que significa repetição nesses dois filmes? Se repete sempre o mesmo dia, então você vive de novo o mesmo dia, um dia atrás do outro, mas o interessante é que você vive isso de forma consciente, você sabe que está vivendo o mesmo dia, e ao saber que você está vivendo o mesmo dia, você consegue com isso acumular experiência e é esse acúmulo de experiência na repetição que permite que o personagem invente novos caminhos, tanto em um filme quanto no outro. São dois filmes completamente distintos, mas, com o mesmo mote, como você repete de novo, de novo, você vai descobrindo outras possibilidades, vai inventando novos caminhos, vai criando saídas possíveis para a situação daquele dia. Interessante que os dois filmes terminam com uma situação em que os personagens saem daquele dia. Considero, então, que nos dois filmes, há uma espécie de moralização da repetição, aprende-se com a repetição, tira-se uma moral da história com essa repetição e é a moralização da repetição que possibilita que se invente uma saída. Percebemos que isso acontece com o Bill Murray no filme o “Feitiço do Tempo” e acontece com Tom Cruise no filme “No Limite do Amanhã”. Então, há uma moralização da repetição, como se os personagens fossem condenados a repetir e aprendessem alguma coisa que os faz superar a repetição e inventar uma saída para a situação. O problema é que nesse modelo de educação que a gente vive centrado na recongnição, não há qualquer moralidade, só há o que chamaria de uma repetição bruta e selvagem. Uma repetição bruta e selvagem, uma repetição com a qual e através da qual nós não aprendemos nada e assim não podemos inventar nada.

O grande desafio que se coloca para nós, seja na filosofia, seja em qualquer outra disciplina, mas no nosso caso, ficaremos restritos a conversar sobre a filosofia, o importante para nós, o nosso desafio é buscar possibilidades de aprender, é ir junto com os estudantes, produzir juntos, trabalhar juntos, experimentar juntos, levando-os a pensarem por si mesmos e com isso, possibilitar, criações coletivas. Então, o nosso desafio é sermos capazes de

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

produzir uma criação coletiva, mas, que seja implicada nessa criação coletiva, um pensamento por si mesmo. Ela só pode ser coletiva se cada um de nós pensa por si mesmo e se cada um de nós se implica nesse processo/procedimento do pensamento.

Com esses aspectos, fecho um pouco essa primeira parte, esse primeiro ensaio de resposta, que do meu ponto de vista são válidos para qualquer disciplina, não apenas para filosofia. Passo a um segundo momento de buscar algo de específico da filosofia na própria filosofia. Aqui sigo na linha de pensamento que estamos desenvolvendo, digo no plural, pois que não estou sozinho, somos vários, somos muitos, pensando nessa direção há alguns anos, de que é possível fazer uma filosofia do ensino de filosofia, que se é importante uma pedagogia do ensino de filosofia ou se é importante pensar pedagogicamente o ensino da filosofia, também é importante pensar filosoficamente o ensino de filosofia, ou se vocês preferirem uma outra expressão, é importante que a gente dê uma cidadania filosófica ao ensino de filosofia, ou ainda, é importante que a gente trate o ensino de filosofia como um problema filosófico.

Um grande desastre é quando nós que lidamos com filosofia dizemos assim: “Nós ensinamos filosofia, ensinar a ensinar filosofia é coisa de pedagogos, que pedagogos é que vão fazer isso”, e a gente produz uma dicotomia como se bastasse para um estudante universitário de filosofia, aprender conteúdos filosóficos e depois aprender as técnicas pedagógicas com os pedagogos para ser professor de filosofia. Temos defendido então a algumas décadas que, o ensino de filosofia, tem que ser tratado filosoficamente, tem que ser tratado por dentro da filosofia. Faremos, então um pequeno ensaio disso com vocês nos minutos seguintes: o que seria o específico da filosofia? O que seria específico da Filosofia? O que seria específico para o aprender em Filosofia? O exercício que proponho a vocês é visitar uma leitura que o Michel Foucault fez de um conjunto de textos de Platão no curso que Foucault trabalhou no *Collège de France*, no ano de 1983. Não sei se vocês acompanham isso, mas, o Foucault como professor pesquisador do *Collège de France*, tinha por obrigação contratual que oferecer um curso todo ano. Então, entre 1970 e 1971, ele ingressa nessa instituição. Até 1984, quando ele morre, a cada ano Foucault deu um curso, esses cursos foram gravados e têm sido publicados, já estamos com praticamente todos, pois foram publicados em francês e já tivemos o acesso a quase todos que foram também traduzidos aqui no Brasil.

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

O curso em 1983 é o penúltimo, foi disponível em 84, Foucault ministrou o último curso antes de morrer no mês de julho, mas, no curso de 1983, foi assim por ele intitulado: “O governo de si e dos outros”, em algumas aulas Foucault explora textos de Platão, especialmente a *Carta II* e a *Carta VII* de Platão, para trabalhar nesses textos e nessas Cartas de Platão elementos para pensar o específico da filosofia como experiência de pensamento, como exercício de si, como algo que permita uma experimentação dessa *passagem* viva do *acontecimento* no pensamento. Então, o que o Foucault faz nesse diálogo com os textos de Platão é tentar compreender a filosofia não simplesmente como *logos*, mas como *érgon*, como uma ação, como uma prática, filosofia como pensamento, mas, o pensamento como uma prática, como uma ação. A pergunta de Foucault é: “Qual é o *érgon* da filosofia? O que que é o real da filosofia? O que que é a prática filosófica? Como é que Platão trabalha isso? Como é que Platão enuncia isso nos seus textos? O que Foucault está buscando, então, é o que ele chama de pragmática filosófica, o conjunto de atividades que faz com que a filosofia seja filosofia estabelecendo o seu *pragma*, o real da filosofia.

A partir de Platão, Foucault faz três indicações sobre a prática filosófica e cito resumidamente essas três indicações. Primeiro: a filosofia é um caminho a percorrer, o que significa que necessitamos sempre de um guia para percorrer esse caminho, ou seja, se queremos aprender filosofia temos o caminho a ser percorrido e precisamos de alguém que nos guie nesse caminho, precisamos de um professor, precisamos de um mestre. Isso Foucault encontra nos textos de Platão; segunda questão que destaca Foucault: o caminho para a filosofia é centrado em ações cotidianas como, aprender, memorizar, raciocinar. Então, a gente aprende filosofia praticando essas coisas. Memorizando, raciocinando, aprendendo; o terceiro elemento que Foucault destaca é que, esse aprendizado da filosofia é um trabalho de si sobre si mesmo, ou seja, um conjunto daquilo que Foucault denomina exercícios espirituais. Não sei se preciso fazer alguma nota de rodapé sobre isso, mas faço, talvez seja dispensável para alguns, mas, não para outros. Foucault se vale dessa expressão “exercícios espirituais” que ele toma de um colega que é Pierre Hadot, especialista em Filosofia Antiga e que caracteriza o pensamento antigo como um conjunto de exercícios espirituais. Pierre Hadot tem toda uma série de trabalhos, que tenta nos mostrar que a prática filosófica na antiguidade era uma prática de exercício de si sobre si mesmo, os quais denomina de exercícios espirituais. A filosofia não é simplesmente um saber, um conhecimento, não é um conteúdo que a gente aprende, a filosofia é uma prática que se

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

aprende, a filosofia é um exercício que se pratica, e o Foucault recupera isso e tenta mostrar nos textos de Platão essa recorrência.

Assim, no que concerne à transmissão da filosofia, isso é, o em ensinar filosofia é, portanto, algo intrinsecamente relacionado com a recepção da filosofia, ou seja, o aprender filosofia. Foucault encontra em Platão algumas passagens intrigantes. O filósofo grego afirma que a filosofia não se transmite através de *máthemas*, de fórmulas do conhecimento que podem ser codificadas em textos, mas, a filosofia se aprende por *sinosia* e *cízen*, palavras gregas que remetem à reunião, ao estar junto, ao coabitar, ao conviver, isso é, não se aprende filosofia lendo textos de filósofos, mas, se aprende filosofia coabitando, convivendo com um filósofo, isso de forma muito resumida é a tese que Foucault diz encontrar nos textos de Platão. E há um comentário, não sei se aqui tem um especialista em Platão, eu estou longe de ser, eu me dedico muito mais à Filosofia Contemporânea, vocês estão vendo pelas referências que estou trazendo, não sei se a leitura que Foucault faz de Platão é uma leitura apropriada, mas, sinceramente, para mim não interessa se a leitura de Foucault é apropriada ou não, me interessa é que ela nos coloca elementos importantes para pensar.

Mas, Foucault destaca que Platão teria dito o seguinte: “Que ele nunca escreveu o que ele pensava.” Assim afirmava: “nunca escrevi o que eu penso, só sabe o que eu penso aqueles que convivem comigo. Aquilo que eu penso eu só enuncio de forma oral, eu não escrevo.” Bom, se isso for sério, há séculos que a gente perde tempo estudando os textos de Platão, porque lá nos textos do Platão não está o seu pensamento, segundo o próprio Platão. O problema que se apresenta é que nós, nós contemporâneos jamais saberíamos o que pensou Platão, porque se nós levarmos a sério essa afirmação, nós só poderíamos saber o que pensou Platão conversando diretamente com ele, portanto, a não ser que alguém invente uma máquina do tempo que a gente possa voltar para Atenas, à época de Platão, a gente não vai saber, de fato, o que pensou Platão.

Bom, em que pesem essas questões, a gente sabe que Platão estava justamente ali na transição de uma cultura oral com uma cultura escrita, então, toda essa questão tem um peso diferente, completamente diferente do peso que tem para nós hoje. Mas, o que quero chamar a atenção de vocês então, é que Foucault afirma partir de Platão. Aprendemos filosofia convivendo com um filósofo, não aprendemos filosofia lendo textos de filosofia. Aí tem um ponto importante para nós que nos dedicamos a ensinar filosofia. Se vocês me permitem vou ler um trechinho desse, de uma das aulas desse curso de Foucault quando ele diz o seguinte:

O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais  
Gallo, Sílvio D. O.

Trata-se de um trecho que fica muito evidente isso que estou querendo mostrar para vocês!! Ele diz o seguinte: É o que Foucault diz que diz Platão: “[...] a força dessa *sinosia*, dessa convivência, da coabitação, a força desse *cízen*, desse estar junto que vai se produzir o que?” Pois bem, a luz vai se acendendo na alma, mais ou menos como uma luz se acende, isto é, como uma lâmparina, que pondero com vocês: o que que é uma lâmparina em cima de uma mesa? Como uma lâmparina se acende quando é aproximada do fogo? Ainda bem que esta aqui está apagada (apontando para uma lâmparina que fazia parte da decoração do ambiente), que é então, o que se produz com a filosofia? É que uma luz se acende na alma da mesma forma como uma lâmparina se acende quando é aproximada do fogo. Está ao pé da filosofia é como se está ao pé do fogo, até que a lâmparina se acenda como uma luz que dá alma. É disso e dessa maneira que a filosofia vai, efetivamente, encontrar a sua realidade e isso ocorre a partir do momento em que a lâmparina se acende. Pois bem, ela vai ter que se alimentar a si mesma com o seu próprio óleo, quer dizer, a filosofia acesa na alma terá de ser alimentada pela própria alma.

É dessa maneira, sobre essa forma de coabitação da luz que se transmite e se acende a luz, da luz que se alimenta da própria alma é assim que a filosofia vai viver. Vocês estão vendo que é exatamente o contrário do que acontece nas *máthemas*. Nas *máthemas* não há *sinosia*, não é preciso *cízen*, é preciso haver informação em *máthemas*, é preciso haver conteúdos e conhecimentos, essas *máthemas* têm que ser transmitidas e têm que ser guardadas no espírito até que, eventualmente, o esquecimento as apague. Aqui, ao contrário, não há fórmula, mas, uma coexistência, não há aprendizado da fórmula por alguém, mas há sentimentos bruscos da luz no interior da alma, e não há tampouco inscrição interposta na alma de uma fórmula feita, mas, a alimentação perpétua da filosofia pelo óleo secreto da alma.

Estou citando esses aspectos porque condensa isso que estou querendo compartilhar com vocês e está dito de uma forma poética pelo Foucault: a alimentação perpétua da filosofia pelo óleo secreto da alma. Tudo isso, evidentemente, que estou falando a partir de Platão. Vejam: o que nós fazemos não tem nada a ver com isso em princípio, não é? Nós ensinamos filosofia através de *máthemas*, nós criamos fórmulas, nós codificamos fórmulas em pesos e nós apresentamos textos para os estudantes. Os estudantes são convidados, em todas as áreas do mundo, a memorizar essas fórmulas, esses textos, essas respostas, porque depois eles vão se submeter a um Exame Nacional do Ensino Médio, por exemplo, no qual isso vai ser cobrado. A nossa experiência do ensino da filosofia é muito mais uma experiência por

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

*máthemas*, no sentido de que fala Foucault, como considerado acima, a partir de Platão, do que uma experiência de *sinozia*, de convivência, de compartilhamento, de coabitação com a prática filosófica. Bom, essa leitura foucaultiana de Platão nos coloca, penso eu, exatamente na mesma sintonia com aquela ideia do aprender que evidenciei, anteriormente, um pouco para vocês a partir do Deleuze.

Especificamente, no caso da filosofia para Platão, se a filosofia é uma atividade da alma, ela não pode ser aprendida, transmitida e aprendida por textos, pois os textos perdem o *érgon*, perdem aquilo que é o real da filosofia. Se a filosofia é uma atividade, ela tem que ser praticada e não pode ser aprendida senão através da experimentação e da prática dela própria, por isso é necessário conviver, coabitar com a filosofia, é necessário conviver e coabitar com o filósofo que pratica a filosofia. É preciso fazer junto com ele para um dia ser capaz de fazer sozinho. É preciso exercitar a prática da escuta filosófica, acompanhar o movimento do pensamento, do pensador, entrar nessa sintonia para ser capaz de fazer também esse mesmo movimento, para ser capaz de pensar. Nessa leitura foucaultiana de Platão não há aquilo que Deleuze chama de reconhecimento, de repetição de fórmulas, há sim um verdadeiro aprender, uma *passagem* viva do não saber filosofia ao saber filosofia, que se faz praticando a própria filosofia. Com Foucault, a filosofia é vista como um exercício espiritual, exercício de si sobre si mesmo, que só é viável se for experimentada e experienciada por cada um. Não se aprende filosofia sozinho, mas, também, não se aprende filosofia codificada em saberes filosóficos, pois esses saberes perdem o movimento próprio da filosofia que é o movimento do espírito de cada um na relação consigo mesmo.

Me parece que estaria aqui uma chave para nós pensarmos o específico do aprender filosofia hoje, do específico do aprender filosofia quando a gente está pensando em ensinar filosofia nas escolas médias, por exemplo. Que tipo de *frequentaçã*o, que tipo de *sinozia*, que tipo de coabitação nós somos capazes de oferecer aos estudantes do Ensino Médio? Nós, professores universitários, que tipo de *frequentaçã*o, que tipo de coabitação com a filosofia nós somos capazes de oferecer aos estudantes de filosofia na Universidade? Que tipo de formação nós propiciamos aos estudantes de filosofia na Universidade, que depois futuramente vão ser professores de filosofia e vão por sua vez produzirem essa *frequentaçã*o com os seus próprios estudantes no Ensino Médio?

Passo ao terceiro momento, terceiro e último! Para não desesperar tanto vocês! (Risos). Esse terceiro ponto intitulei assim: “Apesar de Platão, além de Platão: o texto”.

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**  
Gallo, Sílvia D. O.

Deslocando essa problemática para nossa experiência contemporânea no ensinar e aprender filosofia no Brasil, quero retomar Deleuze e Foucault para pensar além de Platão e apesar de Platão ou dessas questões do Platão aqui evidenciadas. Apesar de Platão, porque segundo Deleuze, Platão é/foi e é a própria matriz da reconhecimento e portanto, reconhecimento, estaria fisicamente relacionada à teoria da reminiscência de Platão, mas também além dele, porque vou propor para vocês que aprender filosofia como experiência de ensino, de pensamento pode ser um convívio, uma coabitação, uma *sinozìa*, portanto, com o texto filosófico. O exercício que quis fazer citando essa análise de Foucault sobre Platão, é a impossibilidade do texto no aprendizado da filosofia. Agora quero fazer um contraponto a isso defendendo a possibilidade de através do texto de filosofia produzirmos essa *sinozìa*, essa *frequentação*, essa coabitação. Quando Platão fez a crítica do texto como veículo da filosofia, defendendo-a como uma prática, como uma prática de si, na leitura de Foucault, Platão fez em um momento em que a escrita era ainda incipiente e o texto não era mais do que um suporte para a memória. Sabemos que o mestre de Platão, Sócrates, foi justamente aquele que se recusou a escrever, talvez porque o próprio Sócrates não se fizesse filosofia no texto, a filosofia é essa prática do diálogo vivo na praça do mercado. É ali, para Sócrates, que se faz filosofia, é no corpo a corpo com o outro que se pode produzir essa prática. Fazer filosofia não é ficar enfiado numa biblioteca e depois escrevendo textos. Se a gente pensa com o Sócrates e o Walter vai estar aqui daqui a pouco para não me deixar aqui sozinho nessas afirmações, mas para levar, penso eu, as últimas consequências da experiência socrática da filosofia. Vários de vocês já conhecem Walter, já estive aqui em Caicó antes. Mas, vejam, quando Platão faz essa afirmação ele está fazendo isso em um momento em que o texto ainda é algo muito incipiente, a escrita ainda é algo muito incipiente na cultura grega e é curioso porque um estudioso contemporâneo George Colling, que escreveu um livrinho intitulado *O nascimento da filosofia*, nele, Colling vai justamente dizer que Platão foi o inventor da filosofia como gênero literário. Isso que nós chamamos filosofia até hoje é uma invenção do Platão, que é um gênero de escrita, um gênero literário, uma forma de escrita em que a filosofia já não é, desculpa, a escrita não é apenas o suporte da memória, mas, que a escrita é também produção e criação no próprio pensamento, pelo menos, é assim que o George Colling apresenta a filosofia de Platão.

Portanto, se nós tomamos o texto filosófico como resultado de uma experiência do pensamento, de uma experiência no pensamento, como exercício e não apenas como



**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**

Gallo, Sílvio D. O.

codificação de *máthemas*, ler o texto pode ser o paralelo de um exercício de escuta. Então vejam, tudo depende do que a gente está entendendo por texto e especificamente do texto filosófico. Se o texto filosófico for simplesmente uma codificação de fórmulas, ele não é uma experiência do pensamento, mas a gente pode ver o texto filosófico como um exercício de pensamento transformado em texto. Ler filosoficamente um texto, portanto, isto é, lê-lo não como uma informação, como uma colocação em forma ou como uma informação, porque isso levaria à reconhecimento, mas ler um texto como alguém que convive e dialoga com o filósofo num movimento mesmo do seu pensamento, na medida em que ele se constrói, isso significa que essa leitura do texto pode ser ela mesma um exercício de pensamento.

Não sei se estou conseguindo deixar isso claro para vocês, mas, a ideia é a seguinte: o texto filosófico é a expressão do próprio movimento de pensamento do filósofo, portanto, quando nós lemos o texto é como se nós estivéssemos conversando com o filósofo. Antes eu brinquei com vocês, que nós não vamos jamais saber o que pensou Platão a não ser quem tiver uma máquina do tempo e frequente o Platão e se encontre fisicamente com Platão. Mas, agora eu estou dizendo o contrário para vocês: ler um texto de Platão, ler filosoficamente um texto de Platão, é como se nós estivéssemos nos colocando ao lado de Platão e se estivéssemos ouvindo as suas palavras, como se nós estivéssemos tendo a lamparina do Platão acendendo a luz da nossa alma. O texto pode ser esse fogo da lamparina, se a gente compreendeu o texto como o elemento do pensamento do filósofo e nós entrarmos na sintonia com esse movimento do pensamento, em outras palavras, me parece que seria possível nós praticarmos uma *sinozìa*, uma coabitação, uma convivência com o texto, uma *frequentação* que nos coloca na sintonia com o próprio movimento do pensamento, catalisando em cada um de nós essa prática da filosofia como um exercício de si. E, ainda, citaria isso com o próprio exemplo que eu estou trabalhando aqui, estou citando para vocês um curso do Foucault, portanto, uma experiência de oralidade dele. Reviro-me as aulas que ele deu, que ele falou, que pessoas gravaram e transformaram em textos, transformaram em livro. Ler os cursos do Foucault ou ler as aulas do Foucault é como está na sala de aula ouvindo o Foucault. Você acompanha o movimento, a argumentação, você acompanha a construção do pensamento do filósofo e se você entra em sintonia com a construção desse pensamento você também pode com ele pensar, junto com ele pensar. Lembrem-se que eu caracterizei antes o aprender como um ir junto, como um fazer junto, então nós podemos através do

**O ensino de filosofia e a filosofia do ensino: cenários, desafios e perspectivas atuais**  
Gallo, Sílvia D. O.

texto do filósofo, ir junto com o filósofo, fazer junto com o filósofo, para que num determinado momento nós sejamos capazes de fazer sozinhos, de fazer por nós mesmos.

Enfim, para concluir diria que a pergunta pelos significados do aprender em filosofia nos coloca então na direção de pensar a filosofia como uma prática, pensar a filosofia como uma atividade, como algo vivo, como algo ativo, na qual aprendemos, seja essa passagem viva, seja um acontecimento do pensamento, seja capaz de fazer brotar em cada um de nós a prática de si mesmo, um conjunto de exercícios espirituais que para além do conhecimento nos colocam em sintonia com os outros e com a gente mesmo, de modo que nós possamos nos constituir como sujeitos. Esse é o tema que é trabalhado por Foucault. Vejam, me parece que o desafio que está posto para nós ao ensinar filosofia, é ensinar filosofia como um convite para que cada um dos nossos estudantes façam eles próprios no seu pensamento a sua experiência de pensamento, mas, uma experiência de pensamento que eles jamais poderiam fazer sozinhos. Eles só vão poder fazer se tiverem a oportunidade de uma ou duas horas por semana, em sala de aula, na escola, estar com um professor-filósofo e que, portanto, experimenta a filosofia como atividade e que convida os estudantes a fazerem essa atividade com ele.

Vejam que, o que eu estou falando aqui não se trata de uma filosofia que pode ser aprendida exclusivamente nos livros, mas, é uma filosofia que só pode ser aprendida por essa *frequentação* e é essa filosofia que do meu ponto de vista faz sentido estar na sala de aula, não como uma filosofia que simplesmente indique fórmulas que vão ser memorizadas pelos alunos, mas, uma filosofia que convida a pensar junto, que convida a fazer junto. E repito, esse pensar junto e esse fazer junto, pode ter como intervenção fundamental o texto de filosofia através do qual nós podemos acompanhar o movimento dos pensamentos dos filósofos, e ao acompanhar esse movimento, fazer o nosso próprio movimento de pensamento no nosso pensamento, com criatividade, com competência e com qualidade.

Por favor, desculpem por ter me alongado demais. Obrigado pela paciência em me escutar e como disse, fico à disposição para dialogarmos!